Terra descansada

Depois da morte da esposa, o pai de Ruma aposentou-se da empresa farmacêutica onde havia trabalhado durante muitas décadas e começou a viajar pela Europa, continente que nunca visitara. No último ano, tinha ido à França, à Holanda e mais recentemente à Itália. Eram excursões, viagens na companhia de desconhecidos, feitas de ônibus pela zona rural; cada refeição, cada hotel e cada museu planejados de antemão. Ele passava duas, três, às vezes quatro semanas fora. Quando estava viajando, Ruma não tinha notícias suas. Sempre deixava o papel com as informações do voo preso por um ímã na porta da geladeira, e nos dias em que ele iria voar assistia ao noticiário para ter certeza de que não houvera nenhum acidente aéreo em nenhuma parte do mundo.
De vez em quando, um postal chegava a Seattle, onde Ruma, Adam e o filho, Akash, moravam. Os postais exibiam fachadas de igrejas, chafarizes de pedra, *piazzas* lotadas de gente, telhados de terracota banhados pela luz do fim de tarde. Quase quinze anos já haviam se passado desde a única aventura europeia de Ruma, quando ficara um mês de férias viajando nos trens da EuroRail com duas amigas, depois de terminarem a faculdade, com o dinheiro que economizara trabalhando como assistente jurídica em um escritório de advocacia. Dormira em pensões miseráveis, praticando uma frugalidade que lhe era desconhecida nessa fase da vida, e não comprara nada a não ser variações dos mesmos postais que seu pai agora lhe enviava. O pai escrevia relatos sucintos e impessoais das coisas que tinha visto e feito: "Ontem Galeria Uffizi. Hoje caminhada até o outro lado do Arno. Viagem a Siena marcada para amanhã". Ocasionalmente, incluía alguma frase sobre o tempo. Mas nunca conseguia sentir a presença do pai nesses lugares. Esses postais lembravam a Ruma os telegramas que os pais costumavam mandar para os parentes tempos atrás, depois de terem visitado Calcutá e retornado em segurança à Pensilvânia.
Os postais eram a primeira correspondência que Ruma recebia do pai. Nos trinta e oito anos de vida da filha, ele nunca tivera motivo nenhum para lhe escrever. Era uma correspondência unilateral; as viagens eram curtas o suficiente para Ruma não ter tempo de escrever de volta, e, além do mais, ele não tinha condições de receber cartas. A caligrafia de seu pai era miúda, caprichada, levemente feminina; a de sua mãe havia sido uma mistura de maiúsculas e minúsculas, como se ela só houvesse aprendido a escrever uma versão de cada letra. Os postais eram endereçados a Ruma; seu pai nunca incluía o nome de Adam, nem mencionava Akash. Era somente na despedida que admitia algum vínculo pessoal entre os dois. "Seja feliz, com amor, Baba", assinava ele, como se alcançar a felicidade fosse tão simples assim.
Em agosto, seu pai viajaria novamente, para Praga. Mas primeiro passaria uma semana com Ruma para visitar a casa que ela e Adam haviam comprado no lado leste de Seattle. Tinham se mudado do Brooklyn na primavera, por causa do trabalho de Adam. Fora seu pai quem sugerira a visita, ligando para Ruma enquanto ela preparava o jantar na nova cozinha e surpreendendo-a. Depois da morte da mãe, fora Ruma quem assumira o dever de falar com o pai todas as noites, para perguntar como havia corrido o dia. As ligações agora eram menos frequentes, normalmente uma vez por semana, no domingo à tarde. "Você é sempre bem-vindo aqui, Baba", disse ao pai por telefone. "Sabe que não precisa pedir." Sua mãe não teria pedido. "Vamos visitar você em julho", ela teria informado a Ruma, já com as passagens na mão. Houvera uma época da vida em que esse tipo de presunção teria deixado Ruma zangada. Agora ela sentia saudade.
Adam estaria fora nessa semana, em mais uma viagem a trabalho. Ele trabalhava para um fundo de investimentos e, desde a mudança, ainda não havia passado duas semanas seguidas em casa. Acompanhá-lo não era uma alternativa viável. Ele nunca ia a nenhum lugar interessante - geralmente eram cidades do noroeste dos Estados Unidos ou do Canadá, onde não havia nada de especial para ela e Akash fazer. Dali a alguns meses, assegurava-lhe Adam, as viagens iriam diminuir. Ele detestava deixar Ruma sozinha com Akash com tanta frequência, sobretudo agora que ela estava grávida de novo. Incentivou-a a contratar uma baby-sitter, ou mesmo uma babá que dormisse em casa se isso pudesse ajudar. Mas Ruma não conhecia ninguém em Seattle, e a ideia de encontrar alguém para cuidar de seu filho em um lugar desconhecido parecia mais desanimadora do que cuidar dele sozinha. Era só deixar o verão passar - em setembro, Akash entraria na pré-escola. Além disso, Ruma não estava trabalhando, e não conseguia justificar o fato de pagar por algo que agora tinha tempo livre para fazer.
Em Nova York, depois de Akash nascer, ela havia negociado trabalhar meio período no escritório de advocacia, passando as quintas e sextas-feiras em casa, em Park Slope, e esse parecia ser o equilíbrio perfeito. No início, o escritório se mostrara tolerante mas não fora fácil lidar com a morte da mãe ao mesmo tempo em que um caso importante estava prestes a ir a julgamento. Ela morrera na mesa de cirurgia, de ataque cardíaco; a anestesia de uma operação rotineira para a retirada de cálculos renais havia provocado um choque anafilático.
Depois das duas semanas de folga que Ruma recebera por causa do luto, não conseguira suportar a ideia de voltar. Supervisionar o futuro dos clientes, preparar seus testamentos e refinaciar suas hipotecas parecia-lhe ridículo, e tudo que ela queria era ficar em casa com Akash, não apenas às quintas e sextas, mas todos os dias da semana. Então, como por milagre, Adam havia arrumado o novo emprego, com um salário generoso o suficiente para ela poder se demitir. Agora, seu trabalho era em casa: folhear as pilhas de catálogos que chegavam pelo correio, marcá-los com post-its, encomendar lençóis com estampa de dragões para o quarto de Akash.
"Perfeito", disse Adam quando Ruma lhe falou sobre a visita do pai. "Ele vai ajudar você enquanto eu

estiver fora." Mas Ruma discordava. Sua mãe, sim, teria sido útil, assumindo as rédeas da cozinha, cantando para Akash e ensinando-lhe cantigas de ninar em bengali, enchendo a máquina de lavar com levas e mais levas de roupas. Ruma nunca havia passado uma semana sozinha com o pai. Quando seus pais iam visitá-la no Brooklyn, depois de Akash nascer, o pai montava acampamento em uma poltrona da sala e ficava folheando o *Times* em silêncio, tocando o queixo do bebê com um dedo de vez em quando, mas comportando-se como quem espera o tempo passar.
Seu pai agora morava sozinho, preparava a própria comida Quando falavam ao telefone, ela não conseguia imaginar o ambiente em que ele vivia. Mudara-se para um quarto e sala em um condomínio de uma região da Pensilvânia que Ruma não conhecia muito bem. Livrara-se da maior parte de seus pertences e vendera a casa onde Ruma e o irmão caçula, Romi, haviam passado a infância, avisando-lhes somente depois de já ter acertado tudo com o comprador. Para Romi, que morava na Nova Zelândia havia dois anos trabalhando na equipe de um documentarista, isso não fizera diferença. Ruma sabia que a casa, com os quartos que a mãe havia decorado, a cama onde gostava de ficar recostada fazendo palavras cruzadas e o fogão onde cozinhava, agora era grande demais para o pai. Mesmo assim, a notícia havia lhe causado um choque, eliminando a presença da mãe da mesma forma que o cirurgião havia feito.
Ela sabia que o pai não precisava de ninguém para cuidar dele, e no entanto era justamente esse fato que a fazia se sentir culpada; na Índia, teria sido impensável ele não se mudar para a casa dela. O pai nunca havia mencionado essa possibilidade, e depois da morte da mãe o arranjo não era viável; seu antigo apartamento era pequeno demais. Mas em Seattle havia quartos de sobra, quartos vazios e sem uso.
Ruma temia que o pai fosse se transformar em uma responsabilidade, uma demanda a mais, continuamente presente de uma forma à qual não estava mais acostumada. Isso significaria o fim da família que havia criado sozinha: ela, Adam, Akash, e o segundo filho, que chegaria em janeiro, concebido logo antes da mudança. Não conseguia se imaginar cuidando do pai como a mãe havia feito, servindo-lhe as refeições que a mãe costumava preparar. No entanto, não lhe oferecer um lugar em sua casa a fazia se sentir ainda pior. Era um dilema que Adam não entendia. Sempre que ela tocava no assunto, ele lhe lembrava o óbvio: que ela já tinha uma criança pequena para cuidar, e outra a caminho. Lembrava-lhe que seu pai tinha boa saúde para a idade, que estava satisfeito onde morava. Mas não se opunha à ideia de seu pai morar com eles. Essa aceitação era uma demonstração de gentileza, de generosidade, um exemplo dos motivos que a faziam amar Adam, mas mesmo assim a deixava preocupada. Será que não fazia diferença para ele? Sabia que ele estava tentando ajudar, mas ao mesmo tempo sentia que a sua paciência estava se esgotando. Ao deixá-la parar de trabalhar, ao gastar dinheiro com uma linda casa, ao concordar em ter um segundo filho, Adam estava fazendo tudo ao seu alcance para deixar Ruma feliz. Mas nada a estava deixando feliz; recentemente, durante uma conversa, ele também havia comentado isso.

Como era libertador viajar sozinho ultimamente, com apenas uma bagagem para despachar. Ele nunca tinha visitado a costa noroeste do Pacífico, nunca tinha admirado a assustadora vastidão do país que adotara. Só havia cruzado os Estados Unidos de avião uma vez, quando a mulher reservara passagens para Calcutá pela Royal Thai Airlines, com escala em Los Angeles, em vez de viajar pelo leste como normalmente faziam. Ainda se lembrava de como a viagem tinha sido interminável, quatro assentos na ala de fumantes bem no fundo do avião. Nenhum deles teve energia para visitar nenhuma atração turística de Bangcoc durante a escala; em vez disso foram dormir no hotel providenciado pela companhia aérea. Sua mulher, a mais animada de todos para ver o Mercado Flutuante, nem sequer acordou para jantar, pois ele se lembrava de uma refeição no hotel somente com Romi e Ruma, em um solário com vista para um jardim, e de provar a comida mais picante que comera na vida enquanto um enxame irado de mosquitos voejava atrás do rosto de seus filhos. Como quer que corressem, essas viagens à Índia eram sempre épicas, e ele ainda se lembrava da ansiedade que lhe provocavam, de ter de fazer tantas malas e levá-las todas para o aeroporto, de manter os documentos em ordem e transportar a família em segurança por tantos milhares de quilômetros. Mas a mulher vivia para aquelas viagens e, até seus pais morrerem, ele também vivia para elas. Assim, continuavam viajando, apesar da despesa, apesar da tristeza e da vergonha que ele sentia sempre que voltava a Calcutá, apesar do fato de que, quanto mais os filhos cresciam, menos eles queriam ir.
Olhou pela janela para uma superfície de nuvens que se parecia com quilômetros e mais quilômetros de neve prensada sobre a qual se poderia caminhar. Aquela visão encheu-o de paz; era esta a sua vida agora, poder fazer o que quisesse, a responsabilidade por sua família ausente da mesma forma que tudo mais estava ausente naquela visão imaculada das nuvens. Aquelas voltas à Índia tinham sido para ele um fato da vida, assim como para todos os seus amigos nos Estados Unidos. A sra. Bagchi era uma exceção. Ela havia se casado com um rapaz que amava desde menina, mas depois de dois anos ele morrera em um acidente de scooter. Aos vinte e seis anos, ela se mudara para os Estados Unidos sabendo que, caso não o fizesse, os pais tentariam casá-la novamente. Vivia em Long Island, uma anomalia, uma mulher indiana sozinha. Completara o doutorado em estatística e lecionava desde os anos 1970 na Universidade de Stony Brook, e em mais de trinta anos só tinha voltado a Calcutá para comparecer ao enterro dos pais. Chamava-se Meenakshi, e, embora agora usasse o nome de batismo quando lhe dirigia a palavra, ele continuava a pensar nela como sra. Bagchi.

Como eram os dois únicos bengaleses da excursão, haviam começado a conversar naturalmente. Passaram a fazer as refeições juntos, a sentar-se lado a lado no ônibus. Por terem a mesma aparência e falarem a mesma língua, as pessoas os tomavam por marido e mulher. No início, não houve nada de romântico; nenhum dos dois estava interessado em nada desse tipo. Ele apreciava a companhia da sra. Bagchi sabendo que, após algumas semanas, ela iria embarcar em um avião diferente e desaparecer. Depois da Itália, porém, havia começado a pensar nela, ansiando por seus e-mails, verificando o computador cinco ou seis vezes ao dia. Consultou a cidade onde ela morava no site MapQuest para ver quanto tempo demoraria para ir de carro até sua casa, embora houvessem concordado, por enquanto, em se encontrar somente quando estivessem no exterior. Já conhecia parte do caminho, o mesmo que ele e a mulher costumavam fazer para visitar Ruma no Brooklyn.
Logo tornaria a ver a sra. Bagchi, em Praga; dessa vez, haviam concordado em dividir o mesmo quarto e estavam pensando em fazer um cruzeiro pelo golfo do México no inverno. Ela fazia questão de não se casar, de jamais compartilhar sua casa com outro homem, condições que tornavam a perspectiva de sua companhia ainda mais atraente. Ele fechou os olhos e pensou no rosto dela, ainda viçoso, embora segundo seus cálculos ela provavelmente tivesse quase sessenta anos, apenas cinco ou seis a menos que sua mulher. Usava roupas ocidentais, cardigãs e calças pretas, e prendia os grossos cabelos escuros em um coque. O que mais o atraía era sua voz, bem modulada, como se ela estivesse disposta a dizer apenas uma quantidade limitada de coisas por dia. Talvez pelo fato de ela esperar tão pouco, ele era generoso com ela, atencioso de uma forma que nunca havia sido no casamento. Como se sentira tímido ao pedir à sra. Bagchi pela primeira vez que posasse para uma foto em frente a um canal, em Amsterdam, depois de terem visitado a casa de Anne Frank.
[...]

Terra descansada

Depois da morte da esposa, o pai de Ruma aposentou-se da empresa farmacêutica onde havia trabalhado durante muitas décadas e começou a viajar pela Europa, continente que nunca visitara. No último ano, tinha ido à França, à Holanda e mais recentemente à Itália. Eram excursões, viagens na companhia de desconhecidos, feitas de ônibus pela zona rural; cada refeição, cada hotel e cada museu planejados de antemão. Ele passava duas, três, às vezes quatro semanas fora. Quando estava viajando, Ruma não tinha notícias suas. Sempre deixava o papel com as informações do voo preso por um ímã na porta da geladeira, e nos dias em que ele iria voar assistia ao noticiário para ter certeza de que não houvera nenhum acidente aéreo em nenhuma parte do mundo.
De vez em quando, um postal chegava a Seattle, onde Ruma, Adam e o filho, Akash, moravam. Os postais exibiam fachadas de igrejas, chafarizes de pedra, *piazzas* lotadas de gente, telhados de terracota banhados pela luz do fim de tarde. Quase quinze anos já haviam se passado desde a única aventura europeia de Ruma, quando ficara um mês de férias viajando nos trens da EuroRail com duas amigas, depois de terminarem a faculdade, com o dinheiro que economizara trabalhando como assistente jurídica em um escritório de advocacia. Dormira em pensões miseráveis, praticando uma frugalidade que lhe era desconhecida nessa fase da vida, e não comprara nada a não ser variações dos mesmos postais que seu pai agora lhe enviava. O pai escrevia relatos sucintos e impessoais das coisas que tinha visto e feito: "Ontem Galeria Uffizi. Hoje caminhada até o outro lado do Arno. Viagem a Siena marcada para amanhã". Ocasionalmente, incluía alguma frase sobre o tempo. Mas nunca conseguia sentir a presença do pai nesses lugares. Esses postais lembravam a Ruma os telegramas que os pais costumavam mandar para os parentes tempos atrás, depois de terem visitado Calcutá e retornado em segurança à Pensilvânia.
Os postais eram a primeira correspondência que Ruma recebia do pai. Nos trinta e oito anos de vida da filha, ele nunca tivera motivo nenhum para lhe escrever. Era uma correspondência unilateral; as viagens eram curtas o suficiente para Ruma não ter tempo de escrever de volta, e, além do mais, ele não tinha condições de receber cartas. A caligrafia de seu pai era miúda, caprichada, levemente feminina; a de sua mãe havia sido uma mistura de maiúsculas e minúsculas, como se ela só houvesse aprendido a escrever uma versão de cada letra. Os postais eram endereçados a Ruma; seu pai nunca incluía o nome de Adam, nem mencionava Akash. Era somente na despedida que admitia algum vínculo pessoal entre os dois. "Seja feliz, com amor, Baba", assinava ele, como se alcançar a felicidade fosse tão simples assim.
Em agosto, seu pai viajaria novamente, para Praga. Mas primeiro passaria uma semana com Ruma para visitar a casa que ela e Adam haviam comprado no lado leste de Seattle. Tinham se mudado do Brooklyn na primavera, por causa do trabalho de Adam. Fora seu pai quem sugerira a visita, ligando para Ruma enquanto ela preparava o jantar na nova cozinha e surpreendendo-a. Depois da morte da mãe, fora Ruma quem assumira o dever de falar com o pai todas as noites, para perguntar como havia corrido o dia. As ligações agora eram menos frequentes, normalmente uma vez por semana, no domingo à tarde. "Você é sempre bem-vindo aqui, Baba", disse ao pai por telefone. "Sabe que não precisa pedir." Sua mãe não teria pedido. "Vamos visitar você em julho", ela teria informado a Ruma, já com as passagens na mão. Houvera uma época da vida em que esse tipo de presunção teria deixado Ruma zangada. Agora ela sentia saudade.
Adam estaria fora nessa semana, em mais uma viagem a trabalho. Ele trabalhava para um fundo de investimentos e, desde a mudança, ainda não havia passado duas semanas seguidas em casa. Acompanhá-lo não era uma alternativa viável. Ele nunca ia a nenhum lugar interessante - geralmente eram cidades do noroeste dos Estados Unidos ou do Canadá, onde não havia nada de especial para ela e Akash fazer. Dali a alguns meses, assegurava-lhe Adam, as viagens iriam diminuir. Ele detestava deixar Ruma sozinha com Akash com tanta frequência, sobretudo agora que ela estava grávida de novo. Incentivou-a a contratar uma baby-sitter, ou mesmo uma babá que dormisse em casa se isso pudesse ajudar. Mas Ruma não conhecia ninguém em Seattle, e a ideia de encontrar alguém para cuidar de seu filho em um lugar desconhecido parecia mais desanimadora do que cuidar dele sozinha. Era só deixar o verão passar - em setembro, Akash entraria na pré-escola. Além disso, Ruma não estava trabalhando, e não conseguia justificar o fato de pagar por algo que agora tinha tempo livre para fazer.
Em Nova York, depois de Akash nascer, ela havia negociado trabalhar meio período no escritório de advocacia, passando as quintas e sextas-feiras em casa, em Park Slope, e esse parecia ser o equilíbrio perfeito. No início, o escritório se mostrara tolerante mas não fora fácil lidar com a morte da mãe ao mesmo tempo em que um caso importante estava prestes a ir a julgamento. Ela morrera na mesa de cirurgia, de ataque cardíaco; a anestesia de uma operação rotineira para a retirada de cálculos renais havia provocado um choque anafilático.
Depois das duas semanas de folga que Ruma recebera por causa do luto, não conseguira suportar a ideia de voltar. Supervisionar o futuro dos clientes, preparar seus testamentos e refinaciar suas hipotecas parecia-lhe ridículo, e tudo que ela queria era ficar em casa com Akash, não apenas às quintas e sextas, mas todos os dias da semana. Então, como por milagre, Adam havia arrumado o novo emprego, com um salário generoso o suficiente para ela poder se demitir. Agora, seu trabalho era em casa: folhear as pilhas de catálogos que chegavam pelo correio, marcá-los com post-its, encomendar lençóis com estampa de dragões para o quarto de Akash.
"Perfeito", disse Adam quando Ruma lhe falou sobre a visita do pai. "Ele vai ajudar você enquanto eu

estiver fora." Mas Ruma discordava. Sua mãe, sim, teria sido útil, assumindo as rédeas da cozinha, cantando para Akash e ensinando-lhe cantigas de ninar em bengali, enchendo a máquina de lavar com levas e mais levas de roupas. Ruma nunca havia passado uma semana sozinha com o pai. Quando seus pais iam visitá-la no Brooklyn, depois de Akash nascer, o pai montava acampamento em uma poltrona da sala e ficava folheando o *Times* em silêncio, tocando o queixo do bebê com um dedo de vez em quando, mas comportando-se como quem espera o tempo passar.
Seu pai agora morava sozinho, preparava a própria comida Quando falavam ao telefone, ela não conseguia imaginar o ambiente em que ele vivia. Mudara-se para um quarto e sala em um condomínio de uma região da Pensilvânia que Ruma não conhecia muito bem. Livrara-se da maior parte de seus pertences e vendera a casa onde Ruma e o irmão caçula, Romi, haviam passado a infância, avisando-lhes somente depois de já ter acertado tudo com o comprador. Para Romi, que morava na Nova Zelândia havia dois anos trabalhando na equipe de um documentarista, isso não fizera diferença. Ruma sabia que a casa, com os quartos que a mãe havia decorado, a cama onde gostava de ficar recostada fazendo palavras cruzadas e o fogão onde cozinhava, agora era grande demais para o pai. Mesmo assim, a notícia havia lhe causado um choque, eliminando a presença da mãe da mesma forma que o cirurgião havia feito.
Ela sabia que o pai não precisava de ninguém para cuidar dele, e no entanto era justamente esse fato que a fazia se sentir culpada; na Índia, teria sido impensável ele não se mudar para a casa dela. O pai nunca havia mencionado essa possibilidade, e depois da morte da mãe o arranjo não era viável; seu antigo apartamento era pequeno demais. Mas em Seattle havia quartos de sobra, quartos vazios e sem uso.
Ruma temia que o pai fosse se transformar em uma responsabilidade, uma demanda a mais, continuamente presente de uma forma à qual não estava mais acostumada. Isso significaria o fim da família que havia criado sozinha: ela, Adam, Akash, e o segundo filho, que chegaria em janeiro, concebido logo antes da mudança. Não conseguia se imaginar cuidando do pai como a mãe havia feito, servindo-lhe as refeições que a mãe costumava preparar. No entanto, não lhe oferecer um lugar em sua casa a fazia se sentir ainda pior. Era um dilema que Adam não entendia. Sempre que ela tocava no assunto, ele lhe lembrava o óbvio: que ela já tinha uma criança pequena para cuidar, e outra a caminho. Lembrava-lhe que seu pai tinha boa saúde para a idade, que estava satisfeito onde morava. Mas não se opunha à ideia de seu pai morar com eles. Essa aceitação era uma demonstração de gentileza, de generosidade, um exemplo dos motivos que a faziam amar Adam, mas mesmo assim a deixava preocupada. Será que não fazia diferença para ele? Sabia que ele estava tentando ajudar, mas ao mesmo tempo sentia que a sua paciência estava se esgotando. Ao deixá-la parar de trabalhar, ao gastar dinheiro com uma linda casa, ao concordar em ter um segundo filho, Adam estava fazendo tudo ao seu alcance para deixar Ruma feliz. Mas nada a estava deixando feliz; recentemente, durante uma conversa, ele também havia comentado isso.

Como era libertador viajar sozinho ultimamente, com apenas uma bagagem para despachar. Ele nunca tinha visitado a costa noroeste do Pacífico, nunca tinha admirado a assustadora vastidão do país que adotara. Só havia cruzado os Estados Unidos de avião uma vez, quando a mulher reservara passagens para Calcutá pela Royal Thai Airlines, com escala em Los Angeles, em vez de viajar pelo leste como normalmente faziam. Ainda se lembrava de como a viagem tinha sido interminável, quatro assentos na ala de fumantes bem no fundo do avião. Nenhum deles teve energia para visitar nenhuma atração turística de Bangcoc durante a escala; em vez disso foram dormir no hotel providenciado pela companhia aérea. Sua mulher, a mais animada de todos para ver o Mercado Flutuante, nem sequer acordou para jantar, pois ele se lembrava de uma refeição no hotel somente com Romi e Ruma, em um solário com vista para um jardim, e de provar a comida mais picante que comera na vida enquanto um enxame irado de mosquitos voejava atrás do rosto de seus filhos. Como quer que corressem, essas viagens à Índia eram sempre épicas, e ele ainda se lembrava da ansiedade que lhe provocavam, de ter de fazer tantas malas e levá-las todas para o aeroporto, de manter os documentos em ordem e transportar a família em segurança por tantos milhares de quilômetros. Mas a mulher vivia para aquelas viagens e, até seus pais morrerem, ele também vivia para elas. Assim, continuavam viajando, apesar da despesa, apesar da tristeza e da vergonha que ele sentia sempre que voltava a Calcutá, apesar do fato de que, quanto mais os filhos cresciam, menos eles queriam ir.
Olhou pela janela para uma superfície de nuvens que se parecia com quilômetros e mais quilômetros de neve prensada sobre a qual se poderia caminhar. Aquela visão encheu-o de paz; era esta a sua vida agora, poder fazer o que quisesse, a responsabilidade por sua família ausente da mesma forma que tudo mais estava ausente naquela visão imaculada das nuvens. Aquelas voltas à Índia tinham sido para ele um fato da vida, assim como para todos os seus amigos nos Estados Unidos. A sra. Bagchi era uma exceção. Ela havia se casado com um rapaz que amava desde menina, mas depois de dois anos ele morrera em um acidente de scooter. Aos vinte e seis anos, ela se mudara para os Estados Unidos sabendo que, caso não o fizesse, os pais tentariam casá-la novamente. Vivia em Long Island, uma anomalia, uma mulher indiana sozinha. Completara o doutorado em estatística e lecionava desde os anos 1970 na Universidade de Stony Brook, e em mais de trinta anos só tinha voltado a Calcutá para comparecer ao enterro dos pais. Chamava-se Meenakshi, e, embora agora usasse o nome de batismo quando lhe dirigia a palavra, ele continuava a pensar nela como sra. Bagchi.

Como eram os dois únicos bengaleses da excursão, haviam começado a conversar naturalmente. Passaram a fazer as refeições juntos, a sentar-se lado a lado no ônibus. Por terem a mesma aparência e falarem a mesma língua, as pessoas os tomavam por marido e mulher. No início, não houve nada de romântico; nenhum dos dois estava interessado em nada desse tipo. Ele apreciava a companhia da sra. Bagchi sabendo que, após algumas semanas, ela iria embarcar em um avião diferente e desaparecer. Depois da Itália, porém, havia começado a pensar nela, ansiando por seus e-mails, verificando o computador cinco ou seis vezes ao dia. Consultou a cidade onde ela morava no site MapQuest para ver quanto tempo demoraria para ir de carro até sua casa, embora houvessem concordado, por enquanto, em se encontrar somente quando estivessem no exterior. Já conhecia parte do caminho, o mesmo que ele e a mulher costumavam fazer para visitar Ruma no Brooklyn.
Logo tornaria a ver a sra. Bagchi, em Praga; dessa vez, haviam concordado em dividir o mesmo quarto e estavam pensando em fazer um cruzeiro pelo golfo do México no inverno. Ela fazia questão de não se casar, de jamais compartilhar sua casa com outro homem, condições que tornavam a perspectiva de sua companhia ainda mais atraente. Ele fechou os olhos e pensou no rosto dela, ainda viçoso, embora segundo seus cálculos ela provavelmente tivesse quase sessenta anos, apenas cinco ou seis a menos que sua mulher. Usava roupas ocidentais, cardigãs e calças pretas, e prendia os grossos cabelos escuros em um coque. O que mais o atraía era sua voz, bem modulada, como se ela estivesse disposta a dizer apenas uma quantidade limitada de coisas por dia. Talvez pelo fato de ela esperar tão pouco, ele era generoso com ela, atencioso de uma forma que nunca havia sido no casamento. Como se sentira tímido ao pedir à sra. Bagchi pela primeira vez que posasse para uma foto em frente a um canal, em Amsterdam, depois de terem visitado a casa de Anne Frank.
[...]